O SAL DA VIDA

OUTRAS OBRAS DA AUTORA:

Um Certo Sorriso
Seis Histórias de Amor (co-autora)
A Minha Cozinha
Dieta (à minha maneira)
Agenda de Sabores
O Tempo e os Afectos
Querida Menopausa (cartas com Rita Ferro)
Bocados de Nós
Porque é que as Mulheres Gostam de Homens
As Nove Magníficas
Coisas que Sei… ou Julgo Saber
Mulheres que Amaram Demais
Nós de Amor
Receituário
Caminhos do Coração
Coma Comigo
Aquilo em Que Eu Acredito
Os Nove Magníficos
O Amor É Difícil
Vida e Alma
O que Aprendi com a minha Mãe
E Nada o Vento Levou
Erros Meus, Má Fortuna, Amor Sempre?
Caminhos para Deus
Gosto de Gostar
Memórias de uma Vida Consentida
Conversas com Maria
Uma Certa Forma de Vida

Helena Sacadura Cabral

O SAL DA VIDA

CLUBE DO AUTOR

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.
Reprodução proibida por todos e quaisquer meios.

Por vontade expressa da autora, a presente edição não segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

© 2018, Helena Sacadura Cabral
Direitos para esta edição:
Clube do Autor, S. A.
Avenida António Augusto de Aguiar, 108 – 6.º
1050-019 Lisboa, Portugal
Tel. 21 414 93 00 / Fax: 21 414 17 21
info@clubedoautor.pt

Título: O *Sal da Vida*
Autor: Helena Sacadura Cabral
Revisão: Silvina de Sousa
Paginação: Gráfica 99
em caracteres Revival
Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda. (Portugal)

ISBN: 978-989-724-452-0
Depósito legal: 446 528/18
1.ª edição: Outubro, 2018

www.clubedoautor.pt

À Isabel Galriça Neto,
minha incondicional amiga.

Na plenitude da felicidade,
cada dia é uma vida inteira.

Johann Goethe

SUMÁRIO

Para começar
13

I
Encontros
17

II
Desencontros
45

III
Encruzilhadas da vida
95

IV
As datas que nos marcam
123

V
Contado, ninguém acredita
153

Construir um caminho para a felicidade
199

PARA COMEÇAR

Caros leitores,

Julgo poder dizer que no meu percurso de vida sempre considerei o amor uma ponte entre os meus sonhos e a realidade.

Embora não seja «saudosista», guardo num recanto do meu coração tudo o que foram os bons momentos que vivi, os encantamentos que tive, as risadas que dei e as lágrimas que chorei. Estão todos bem guardados, mas não me privo, quando me sinto feliz, de por momentos ir ao baú buscar algo que ficou para trás e é oportuno recordar.

As histórias aqui reunidas revelam os mais diversos caminhos em busca do amor e da felicidade. Nem sempre com final feliz, é certo, porque a vida nos reserva as suas próprias surpresas. São ficções, mas espelham a riqueza do quotidiano e a importância dos afectos no nosso dia-a-dia.

Talvez por isso, pela força destas emoções, senti necessidade de reflectir, no fim, sobre a felicidade. Ela é o sal da nossa vida,

o que nos faz perseverar mesmo nos dias mais cinzentos, o que nos permite encarar a existência com outra perspectiva. Também a saudade mereceu um destaque, convencida que estou de que elas são, de algum modo, expressões únicas de amor, a ponte que, no fundo, unifica o conjunto destes contos, destes fragmentos da vida.

Todos os livros têm por trás uma história. Neste, que vão agora iniciar, houve uma confluência de razões.

Primeiro, tinha guardados escritos de há uma dezena de anos, que nunca publicara por entender não ter chegado, ainda, o momento oportuno. Se me perguntarem porquê, o mais verdadeiro será responder «não sei». Limitava-me a sentir que não era a altura oportuna de o fazer.

Depois, e porque raramente estou sem escrever, fui atraída pelas chamadas *short stories*, nas quais me sinto bastante à vontade. Assim, foram surgindo alguns textos curtos, escritos mais recentemente e também eles à espera de se poderem ligar aos mais antigos, num percurso que começava a definir-se.

Finalmente, a leitura de um diário levou-me a uma viragem para a epistolografia. Daí que eu tentasse escrever uma «estória real» através de cartas, o que julgo ter conseguido.

Assim, de um momento para o outro, senti que tinha material para fazer um livro especial e diferente, no qual acabam por se misturar elementos da minha crónica pessoal

nos últimos anos, unidos pela busca incessante de algo maior do que nós.

E o livro aqui está, mostrando como uma boa parte da vida de todos nós é feita de permanentes encontros e desencontros, de alegrias e de mágoas, de momentos de felicidade e, quiçá, também, de alguma saudade!

Lisboa, Agosto de 2018

I.

Encontros

«SEPTEMBER SONG»

Estamos em 1964. Joana vai ser apresentada à sociedade num baile em que pela primeira vez usará um vestido comprido. A festa é em Seteais, e ela tem o imenso gosto de descer a escadaria pelo braço do pai.

Mal chega, os amigos, surpreendidos pelo seu novo *look*, vêm ter com ela. De facto, sendo muito maria-rapaz, ninguém acreditava ser possível tal transformação…

Habitualmente tinha o cabelo preso em tranças, o rosto sem maquilhagem e os sapatos eram de salto raso. Consideravam-na uma presença agradável, cuja companhia era muito apreciada, face à sua quase permanente boa disposição.

Por defesa ou por feitio (quem sabe distinguir?), Joana era extremamente simples, e ninguém compreendia porque não era mais *coquette*. Mas o dinheiro não abundava – o que havia destinava-se a gastos mais importantes. Era isso que pensava – e acreditava que quando tivesse vida profissional possuiria os meios de se arranjar como, no fundo, desejava.

E, feliz ou infelizmente, Joana só gostava e gosta de coisas de qualidade.

Assim, quando veio o famoso convite para a sua apresentação social, juntou todas as economias, sempre anteriormente gastas em livros, discos e cinema, e decidiu que se poria tão bonita quanto pudesse.

Quando todo o mundo lhe disse que estava esplendorosa, sentiu que, finalmente, os outros eram capazes de descobrir em si mais do que a vivacidade e a inteligência. Algo que, no fundo, ela sabia que tinha mais a ver com o ser físico que também era.

Já tudo dançava quando começaram a ouvir-se os primeiros acordes de uma música muito em voga na época e banda sonora de um filme de grande sucesso, chamada «September Song». Cantada por Frank Sinatra, era conhecida como um dos expoentes máximos dos românticos de então.

Estava tranquila na varanda a ouvir os acordes quando um rapaz lhe pediu para dançar. Chamava-se Diogo e era médico. Nem alto nem baixo, nem bonito nem feio, despertava uma certa atenção pela imensa serenidade do olhar.

Levada pela música e sentindo-se admirada, compreende, finalmente, como é bom entregar-se a uns braços e deixar-se deslizar.

Não houve muita conversa. Apenas olhares. Daqueles que não carecem de se explicar por palavras.

Mesmo no fim, Diogo despediu-se dizendo que tinha serviço no hospital naquela noite, mas que lhe daria notícias.

Embora tivesse continuado a dançar toda a noite, nada se comparou ao gosto que a primeira dança lhe havia proporcionado.

Passaram três meses. Tudo voltou à normalidade. Joana fazia os últimos exames do curso, e os seus dias decorriam entre livros. De vez em quando lembrava-se de Diogo.

Chegou Setembro e, um dia, recebeu um embrulho com um bilhete que dizia: «Lembrança de uma noite de Verão!» Era um disco chamado *September Song*.

Joana tem, hoje, cinquenta anos. Os cabelos curtos e bem tratados. Os gestos calmos e o olhar de veludo. É ainda o que se chama uma esplêndida mulher.

Dá os últimos retoques no vestido e hesita se deve pôr na cintura uma flor rosa-choque. Decide colocá-la no ombro esquerdo, junto à pele dourada pelo sol.

A porta abre-se de repente e Diogo avisa que os convidados já chegaram ao hotel, e que é necessário descerem.

Faz um sorriso e pega-lhe na mão. Está um homem interessante. A passagem dos anos melhorou o seu aspecto. Joana olha as suas mãos, e pensa para consigo que só podiam ser as de um cirurgião. Ágeis, unhas muito curtas, quase rentes, têm o calor de quem com elas está habituado a ganhar vidas.

Desceu as escadas e, por instantes, lembrou-se dos vinte e cinco anos que ficaram para trás. Quando chega ao salão

os filhos e as filhas rodeiam-na para a felicitar pelas belas bodas de prata.

No meio do rebuliço, Diogo pede-lhe para abrir o baile. Ouvem-se os primeiros acordes do «September Song».

Joana tem agora setenta e cinco anos. A sua cara reflecte alguma tristeza. Está toda vestida de negro.

Abre uma pequena caixa e pega num cartão amarelecido que diz: «Lembrança de uma noite de Verão».

Avó Joana! Avó Joana!, grita uma jovem arrapazada. Avó Joana, venha lanchar! Já estamos todos à sua espera.

Joaninha, dezoito anos incompletos, é a mais pequena das filhas do Paulo. Entra no quarto e puxando a mão branca da avó leva-a para o jardim. Nem repara na lágrima que ela, furtivamente, tentava limpar…